



A CIRCULARIDADE DOS FEIRANTES E SUAS MERCADORIAS ENTRE AS FEIRAS LIVRES NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA.

Maria Regiane da Costa¹

RESUMO

A mobilidade da população é uma característica inter-relacionada aos feirantes, pois eles se deslocam para os mercados periódicos e levam consigo produtos, promovendo o fluxo e o consumo nos lugares. Assim, a proposta desse texto apresenta a discussão sobre a mobilidade espacial dos trabalhadores feirantes que comercializam confecção e circulam entre as feiras livres periódicas na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Na RMF os mercados periódicos comercializam manufaturados, artesanatos, animais e alimentos, por isso estão conectados em redes e a circulação é facilitada pelo acesso de transportes modernos e interligações de vias entre as cidades. No recorte metropolitano selecionamos as feiras livres com maior centralidade e convergência de vendedores. Pacajus; Cascavel; São Gonçalo do Amarante e Horizonte apresenta um número considerável de feirantes que se movimenta entre as feiras livres. Acreditamos que o aumento de feirantes resulta da alta concentração populacional na RMF, parte fica desempregada e fora dos setores formais da economia. Por isso, eles recorrem às feiras mais dinâmicas para conseguir renda. Nesse sentido a proposta inicial objetiva investigar a mobilidade espacial dos feirantes que comercializam confecção nas feiras livres periódicas da RMF. Para sustentar nossa proposta de estudo desenvolvemos uma linha de raciocínio e uma sequência metodológica com leituras que enfoca os temas, tais como: feiras livres, natureza dos fluxos das mercadorias de pessoas e mobilidade espacial da população.

Palavras-chave: Mobilidade espacial, Feiras livres, Feirantes, RMF.

RESUMEN

La movilidad de la población es una característica interrelacionada de los comerciantes, que se trasladan a los mercados habituales y se llevan los productos, promoviendo el flujo y consumo en los lugares. Así, la propuesta de este texto presenta la discusión sobre la movilidad espacial de los trabajadores que venden ropa y circulan entre mercados abiertos periódicos en la Región Metropolitana de Fortaleza (RMF). En la RMF, los mercados periódicos venden productos manufaturados, artesanías, animales y alimentos, por lo que están conectados en redes y la circulación se ve facilitada por el acceso de transporte moderno y conexiones por carretera entre ciudades. En el área metropolitana, seleccionamos las ferias con mayor centralidad y convergencia de vendedores. Anacardos; Serpiente de cascabel; São Gonçalo do Amarante y Horizonte tiene un número considerable de comercializadores que se mueven entre mercados abiertos. Creemos que el aumento de los comerciantes se debe a la alta concentración poblacional en la RMF, parte de ellos está desempleada y fuera de los sectores formales de la economía. Por ello, recurren a las ferias más dinámicas para obtener ingresos. En este sentido, la propuesta inicial tiene como objetivo investigar la movilidad espacial de los comercializadores que venden ropa en las ferias abiertas periódicas de la RMF. Para sustentar nuestra propuesta de estudio, desarrollamos una línea de razonamiento y una secuencia metodológica con lecturas

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE; regiane3074@gmail.com.



organizadas em quatro eixos temáticos, com o fim de dar resposta a las inquietudes y alcanzar los objetivos. En este artículo presentamos parte de la investigación doctoral que se centra en temas como: mercados abiertos, naturaleza del flujo de bienes de las personas y movilidad espacial de la población.

Palabras clave: Movilidad espacial, Ferias, RMF.

INTRODUÇÃO

A feira livre é uma instituição do sistema econômico pertencente à área da distribuição dos bens e mercadorias. Como atividade econômica e urbana essa prática comercial gera relações econômicas, sociais e culturais. Com o aprofundamento das leituras percebemos que as feiras livres de rua aparecem em todas as regiões brasileiras, no entanto, as formas de algumas delas se diferenciam devido às próprias características socioespaciais que cada lugar apresenta.

Na RMF os espaços urbanos e rurais acolhem inúmeras feiras livres que estão distribuídas em quase todos os municípios que compõem o espaço metropolitano. Com pequena ou grande dimensão, elas se organizam nas ruas e praças, onde feirantes expõem diversos tipos de produtos, desde aqueles confeccionados com técnicas inovadoras até as mercadorias produzidas nos moldes mais rudimentares. Com os produtos expostos em estruturas de barracas, atraem populações locais ou mesmo de uma região. Algumas delas apresentam diferentes feições, e se reconfiguram à medida que recebem influências das relações de consumo adotadas pela sociedade capitalista. Mesmo com a forte presença dos comércios modernos (supermercados, shopping), essas formas de mercados ainda permanecem e acolhem inúmeros trabalhadores e consumidores.

Entre os trabalhadores que participam das feiras livres, os feirantes são sujeitos que se deslocam para esses espaços de comercialização, realizam a mobilidade para o trabalho e participam do processo de circulação de mercadoria, sendo protagonistas do comércio nos pequenos, médios e grandes centros urbanos. Nesse sentido, este artigo tem como foco apresentar mobilidade espacial dos trabalhadores feirantes que comercializam produtos têxteis e circulam com suas mercadorias entre as feiras livres periódicas na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Neste recorte da RMF selecionamos quatro municípios com mercados periódicos que possuem maior centralidade e convergência de vendedores. São eles:



Pacajus; Cascavel/Ce; São Gonçalo do Amarante/Ce e Horizonte. Essas feiras recebem um significativo número de trabalhadores. Os municípios que acolhem essas feiras livres estão entre os de maior concentração populacional, e parte desta, desempregada. Outros estão fora dos setores formais da economia. por isso, eles recorrem às feiras mais dinâmicas com a finalidade de conseguir renda.

Mas para aumentar as rendas parte dos feirantes procuram mais de uma feira livre de rua. O deslocamento de pessoas e de bens sempre foi uma particularidade das feiras livres que, interpretadas como lugares de relações sociais, econômicas e culturais, envolvem pessoas, mercadorias e informações (JESUS, 2009, 1992; MOTT, 1975, 2000). Para materializá-las é necessário que pessoas e mercadorias se desloquem e alcancem esses locais de consumo nas diversas escalas geográficas: desde a local, a regional ou até mesmo a nacional. Nesse sentido, a mobilidade dessas pessoas apresenta complexidade e para entender esse movimento foi necessário buscar as motivações e as estratégias que eles planejam para chegar e comercializar nesses espaços.

Atualmente, com o avanço dos meios técnicos de informação e circulação, os feirantes e consumidores possuem melhores suportes técnicos de transportes e comunicação para alcançar diferentes lugares. Esse panorama atual é bem diferente das condições de outros períodos históricos, em que os feirantes tinham que superar os rudimentares tipos de transportes e vias.

No geral, o tema proposto traz contribuições para a ampliação do debate da mobilidade espacial de pessoas e bens. Além disso, este é um assunto bastante pertinente atualmente, dada as diversas modalidades da mobilidade espacial e explicam seu caráter e a complexidade por envolver elementos sociais, econômicos. Um aspecto que também consideramos importante é o de poder atualizar a discussão sobre feiras livres na Geografia.

Portanto, os feirantes ao comercializar algum artigo de confecção interagem com o sistema produtivo, participa da etapa de circulação da mercadoria e personaliza um consumo diversificado. Esse processo demanda novas leituras das feiras, e que a fase atual da pesquisa realizamos partir da mobilidade de pessoas e mercadorias.

METODOLOGIA



Para interpretar a lógica da mobilidade espacial desses trabalhadores organizamos um plano que norteia o estudo que em síntese são: levantamento bibliográfico e documental de autores que abordam os conceitos e categorias para subsidiar a leitura da realidade interpretada; levantamento de dados com variáveis e indicadores secundários e pesquisa de campo.

Neste artigo apresentamos parte da pesquisa de doutorado que enfoca os temas, tais como: feiras livres: Braudel (1998); Bromley (1980); Corrêa (2002); natureza dos fluxos das mercadorias de pessoas e informações: Dias (2013); Santos (2013); Corrêa (2002); Castells (1999); Raffestin (1992); mobilidade espacial da população: Jacques Lévy (2000); Urry (2005, 2007); Schomoll (2004); Bomtempo (2015); Kaufmann (2004). RMF: Pereira Junior (2005; 2012); Silva (2005); Dimensão espacial e escalar (local, regional, nacional e global) das redes: Matos (2013); Dias (2000); Corrêa (2012).

Procuramos essas obras em instituições que possuem acervo físico (antes da pandemia) referente à temática dos eixos, assim como nas plataformas *on-line*. Os periódicos da capes; banco de teses e dissertações; os livros e jornais. Todos foram ferramentas e suportes indispensáveis para o aprofundamento investigativo desse objeto de estudo.

Quanto ao levantamento dos dados secundários buscamos variáveis e indicadores que subsidia as discussões sobre a expansão metropolitana, os setores de ocupação na RMF, os elementos da mobilidade de pessoas e bens. Sobre os eixos e fluxos de transportes, buscamos as informações sobre distribuição da rota de transporte metropolitano, fluxo médio de meios de transportes coletivos e fluxo diários médio de meios de transporte privado. Os órgãos pertinentes que forneceram esses elementos foram: Ministério do Trabalho e Emprego - MTE; Relação Anual de Informações Sociais – RAIS; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; Instituto de Pesquisa e Estratégias do Ceará - IPECE e Secretarias de Infraestruturas municipais.

Além desses órgãos, formamos uma hemeroteca com dados de periódicos sobre a temática em questão. Além dessas já citadas, outras bases estatísticas pesquisadas de grande relevância foram adquiridas nas Secretarias de Infraestruturas Municipais onde procuramos os dados cadastrais dos feirantes. Para a criação e edição desses instrumentos de apresentação dos dados utilizados os softwares aplicativos *Microsoft Excel, Corel Draw e ArcGIS*.



Por fim, o trabalho de campo foi fundamental para preencher as possíveis lacunas do estudo. Nesse sentido, elegemos três técnicas: questionários, entrevistas e observação para realizar a leitura empírica do objeto. Nessa parte da pesquisa conseguimos detectar informações que ratificam os trajetos, os meios de locomoção e as vias de acesso.

A observação foi uma técnica de coleta de informações que consideramos essencial e que aconteceu em todas as oportunidades que tivemos contatos com os sujeitos e seus espaços de trabalho. A entrevista está o principal meio de obter informações de caráter qualitativo. As entrevistas realizadas tiveram como referência um roteiro semiestruturado dos seguintes campos temáticos: 1) o perfil socioeconômico dos feirantes; 2) o comércio e consumo de confecção; e 3) os fluxos das mercadorias e dos feirantes.

Essas três temáticas elencadas buscam entender as experiências adquiridas dos feirantes, seu cotidiano, suas condições de trabalho, sobre o trajeto da casa ao trabalho, as suas dificuldades e perspectivas como comerciantes autônomos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os povoados nordestinos vivenciam experiências das feiras livres no Brasil desde o período colonial e, nos primeiros séculos, após o início da colonização brasileira, elas representavam a oportunidade de comercializar a produção das pequenas propriedades no Nordeste. Ancoradas a essa função, elas eram a locomotiva para o crescimento comercial das cidades, pois distribuíam produtos agrícolas nas localidades rurais e formava redes de cidades. Para Corrêa (2014) as feiras nordestinas se constituem em um tipo particular de mercado periódico e envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e através delas se realiza a integração de pequenas, médias e grandes cidades.

A partir do século XIX a maior divisão do trabalho entre campo e cidade e o crescimento urbano foram os elementos considerados relevantes para o crescimento das feiras. As atividades urbanas de serviços e comércio atraíam populares das áreas rurais. Nas feiras livres, de vez em quando, já existiam alguns objetos que não se encontravam nos lugarejos e começou a atrair muito mais populares desses lugares (CORRÊA, 2005).



Além do significado das feiras livres para o espaço urbano das cidades nordestinas, elas possuíam particularidades e se tornaram bem diferentes do restante do país. Entre esses elementos, destacamos a forte relação entre a feira livre e a região que configuram feições que refletem as formas de organização social. Além das frutas, verduras, legumes e cereais que são comuns às feiras livres em todas as regiões do Brasil, no Nordeste, elas negociam diversos produtos artesanais, comidas típicas, vestuários, calçados, produtos de origem oriental, e atrai um público bem diversificado, dando-lhes um sentido simbólico aos lugares. Logo se tornaram, numa dimensão muito mais expressiva do que em outras regiões do país, fonte de abastecimentos de produtos diversos, base para a geração de trabalho não formalizado.

As feiras livres envolvem inúmeros sujeitos que estão diretamente realizam movimentos, seja os consumidores, as mercadorias e os feirantes. Na introdução desse texto, salientamos que a proposta da pesquisa é analisar a mobilidade dos feirantes, pois o movimento deles em várias feiras permite a circulação de mercadorias, maior acesso de produtos aos consumidores e ampliação da comercialização. Desde a Idade Média, o movimento dos comerciantes para diferentes mercados periódicos era proporcionado devido à sincronização do funcionamento deles no tempo e no espaço. O tema sobre a organização da periodicidade das feiras, nos diferentes contextos históricos, sempre esteve presente nas interpretações dos autores como: Braudel (1998), Huberman (1981) Le Goff (2014) no período medieval na Europa; Bromeley (1980) sobre o continente africano e América Latina; Correia (2013) no que se refere ao Nordeste brasileiro na fase mais contemporânea.

Assim, a atividade comercial desenvolvida por feirantes cria linhas e pontos de confluências sobre o território formados por feiras livres. Na prática, os trabalhadores em questão deslocam-se com suas mercadorias e conectam os lugares. Nessa dinâmica, o movimento de um lugar a outro a procura de feiras livres sempre foi uma expressão desses comerciantes ao longo da existência dos mercados periódicos (BRAUDEL, 1998; CORRÊA, 2005).

O estudo realizado por Corrêa, na década 1970, mostra a grande centralidade dos centros urbanos nos dias de feiras livres. Na data que ocorria esse tipo de comércio, os lugares atraíam agricultores com seus produtos do campo e consumidores do próprio lugar. Entretanto, hoje, os fluxos de mercadorias e feirantes possuem um alcance além da região de ocorrência dos mercados periódicos. Na RMF, essa forma comercial recebe



feirantes dos mais distantes lugares e mercadorias oriundas de cidades localizadas em escalas geográficas nacional e global.

A mobilidade circular dos trabalhadores feirantes constitui parte fundamental dos processos multiescalares que articulam as dinâmicas do consumo e do comércio nas feiras livres a RMF. O feirante é o agente social que protagoniza diretamente as múltiplas mobilidades para esses pontos comerciais. Nesse sentido, é importante considerar os fatores que definem a capacidade do movimento de cada um deles, a exemplo a atitude física, aspirações, as tecnologias de transporte, os meios de comunicação acessibilidade de bens, restrições espaço-temporais entre outros. Um sistema formado por elementos estruturais dá forças e possibilidades para o intenso fluxo de feirantes.

Nesse sentido, é importante considerar os fatores que definem a capacidade do movimento de cada um deles, a exemplo a atitude física, aspirações, as tecnologias de transporte, os meios de comunicação acessibilidade de bens, restrições espaço-temporais entre outros. Um sistema formado por elementos estruturais dá forças e possibilidades para o intenso fluxo de feirantes.

Por esse viés, Kaufmann (2004) propõe uma discussão sobre essas forças e os elementos que geram a capacidade dos sujeitos sociais de se moverem de um lugar ao outro, entendido pelo autor como motilidade. Segundo Kaufmann (2004, p. 6), a motilidade pode ser definida como a capacidade de entidades (bens, informação ou pessoas) serem móveis no espaço social ou geográfico, ou como a maneira pela qual entidades acessam e se apropriam da capacidade para mobilidade socioespacial de acordo com suas circunstâncias.

A concepção sobre o estudo das redes geográficas explica as escalas, os elementos técnicos que facilitam os fluxos, as relações sociais e a forma espacial da mobilidade dos trabalhadores feirantes. Então, as linhas, os pontos somando aos elementos estruturantes (circulação e comunicação) e permitem a configuração do deslocamento circular dos feirantes. O referencial que apresenta a concepção diretamente associadas às relações espaciais está representado por rede geográfica: Corrêa (2002); redes materiais e imateriais por Santos (2013), redes técnicas Dias (2005); meios informacionais: Raffestin (1993), Castell (1999).

Raffestin (1993) e Dias (2001) destacam que a conjuntura dos fluxos das pessoas, das mercadorias e de informações mostra a existência de redes na medida em



que a função é impulsionar a conectividade e integram entre os lugares. De modo geral, os feirantes integram territórios quando aproveitam os diferentes dias e horários para alcançar o maior número de consumidores de uma cidade, de uma região.

Portanto, que essas reflexões são significantes para compreender a fluidez geradas por comerciantes, mercadorias e consumidores das feiras livres nos diferentes períodos históricos. A discussão teórica sobre o tema tratado se articula com os conceitos e categorias que permitem fomentar uma discussão sobre a mobilidade dos feirantes entre as cidades que possuem feiras livres periódicas na RMF.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As feiras livres periódicas da RMF.

As feiras livres periódicas dos municípios da RMF apresentam diferentes características quanto a forma e conteúdo. Além disso, a diversidade e a quantidade de produtos merecem menção, sobretudo pela capacidade que têm de atrair feirantes e consumidores de lugares relativamente distantes, considerando o tipo de comércio que elas representam. Nos dias atuais as maiores demandas dos produtos são por vestuários, calçados, utensílios domésticos e alimentícios, embora que em tempos pretéritos se comercializava, principalmente, a produção da agricultura de subsistência das pequenas propriedades agrícolas e os produtos artesanais. Esse comparativo demonstra a mudança do perfil dos consumidores que frequentam essas feiras livres atualmente, e mantém a simbologia da feira nordestina como expressão de uma particularidade cultural/regional.

Quanto ao conteúdo, as feições das típicas feiras de ruas do período atual são compostas por variedades de mercadorias dos diversos segmentos. Nestas são comercializados alimentos; aves; hortifrutigranjeiros; vestuário; artigos de enxoval; tapeçaria; artesanatos; joias; plantas; flores; artigos plásticos; louças e utilidades domésticas; brinquedos; acessórios; calçados; ferragens e ferramentas; móveis de madeira, entre outros. Na RMF, elas também comercializam um arsenal desses produtos, embora predominem os artigos do setor têxtil.

Sobre esse novo perfil de consumo, os estudos de Costa (2016) e Meneses (2005) revelaram que esse se reflete nos mercados periódicos em função da tipologia de produtos comercializados pelos feirantes. Essas pesquisas ainda mostram que a partir dos anos de 1980, os vestuários passaram a predominar nas feiras livres metropolitanas



de Fortaleza. A pesquisa de campo, realizada nas feiras de Cascavel, Pacajus, Horizonte e São Gonçalo do Amarante, confirmou-se a predominância de vestuários em geral, tecidos, peças de cama, mesa, banho e acessórios. Esses produtos indicados são comercializados em barracas, e outros em cabines de veículos. Boa parte dessas mercadorias é produzida pelos próprios feirantes; outra parte é adquirida em estabelecimentos atacadistas do Ceará e de outros estados do Brasil.

Do grupo de feiras da RMF com esse perfil, São Bento (Cascavel), Pacajus, Horizonte e São Gonçalo do Amarante são as que acontecem com temporalidades diferentes, ou seja, em um único dia da semana e em horários divergentes. Às sextas-feiras pela manhã em São Gonçalo do Amarante; aos sábados pela manhã em Cascavel; aos sábados à tarde em Horizonte; e nas manhãs aos domingos em Pacajus. Nesses referidos dias, os feirantes chegam a esses espaços públicos para comercializar e, logo, modificam a paisagem desses lugares.

Essas formas comerciais possuem dimensões variadas quanto ao número de trabalhadores. Em média, as quatro feiras livres reúnem 3.000 trabalhadores feirantes sendo 1.010 deles em Cascavel, 1.112 em Pacajus, 316 em São Gonçalo do Amarante e 215 em Horizonte. No entanto, e apesar de serem as menores feiras livres de rua, as duas últimas conseguem apresentar uma dinâmica capaz de intensificar o setor do comércio dos respectivos espaços urbanos dos seus municípios.

O contexto econômico dos municípios desse grupo de feiras em estudo interfere de forma direta e indireta na dinâmica de seus respectivos mercados periódicos. Eles possuem destaque em atividades econômicas, produtivas, comerciais e turísticas. Conforme já ressaltamos, grande parte da população que aglomera a RMF reside nesses municípios. A possibilidade de emprego, possivelmente, é o fator principal para a atração populacional. Esse cenário repercute diretamente nas feiras livres, no que se refere ao amplo mercado consumidor e à ocupação em atividades informais, para aqueles que não possuem vínculos empregatícios em empresas.

De forma mais detalhada, Pacajus e Horizonte, desde 1980, são destaques no setor industrial, conforme apresentamos as atividades econômicas que respaldam o território metropolitano. São Gonçalo, por sua vez, é o município que, nas duas últimas décadas, apresenta um acelerado ritmo econômico de crescimento e de aumento populacional. Já quanto à cidade de Cascavel, que se localiza mais próximo da região praiana, e recebe as influências da circularidade de pessoas da própria região



metropolitana e do Ceará, que buscam o lazer litorâneo nos fins de semana. O comércio é diretamente o ramo que mais cresce nos espaços urbanos dos referidos municípios, considerando-se a presença de Redes de lojas, supermercados e Shopping Centers disponíveis à população dessas cidades. Essa conjuntura explica, portanto, que o consumo promove múltiplas mobilidades tanto de bens quanto de pessoas. Ademais, as feiras também constroem as territorialidades onde pessoas movimentam-se em busca de aquisição de produtos de valores acessíveis.

Quanto a situação geográfica as feiras livres periódicas, em questão nesta pesquisa, situam-se nos núcleos do espaço urbano e comercial dos seus referidos municípios. Observamos que todas elas estão na área comercial do espaço urbano e ocupa uma área bem expressiva do bairro *Centro* de suas cidades. Elas convivem com outras formas comerciais, com estabelecimentos de serviços e com residências.

Portanto, convém afirmar que essa mobilidade espacial de trabalhadores feirantes envolve muito mais elementos do que um simples fato de ir e vir do trabalho, pois consideraremos como mobilidade espacial um processo dinâmico que envolve fatores econômicos, sociais e culturais.

4.3 Circularidade dos Trabalhadores Feirantes da Região Metropolitana de Fortaleza

A partir do panorama das características gerais das feiras livres das cidades de Cascavel, Horizonte, Pacajus e São Gonçalo do Amarante consideramos importante analisar a fluidez dos trabalhadores feirantes. Com os primeiros dados obtidos em campo confirmamos a mobilidade espacial desses sujeitos e identificamos os quatro principais trajetos percorridos por eles e que abrangem as quatro feiras livres. Entendemos que essa configuração espacial resulta da mobilidade e representa as perspectivas impulsionadoras para o movimento desses trabalhadores devido a organização espaço - temporal, pois elas acontecem em diferentes dias e horários como já mencionamos nesse texto.

Com esses dados ainda identificamos a configuração espacial de trajetos que resulta da mobilidade entre as feiras livres selecionadas e representa as perspectivas impulsionadoras para o movimento dos feirantes devido a organização espaço - temporal, pois elas acontecem em diferentes dias e horários. Considerando o ponto de



partida e chegada o local de trabalho dos feirantes, no caso as feiras livres, eles percorrem os seguintes trajetos:

Trajeta 01: é formado por São Gonçalo do Amarante, Cascavel, Pacajus e Horizonte. Esse trajeto se caracteriza por um roteiro longo e abrange todos os mercados periódicos que estão inclusos para análise da circularidade dos feirantes. Esse grupo de trabalhadores iniciam o percurso na sexta-feira pela manhã em São Gonçalo Amarante e terminam no domingo (manhã) em Pacajus.

Trajeta 02: é formado por três cidades limites: Cascavel, Horizonte e Pacajus. Esse percurso inicia aos sábados (manhã) em Cascavel, continua nas tardes do mesmo dia em Horizonte e finaliza aos domingos (manhã) em Pacajus. Caracteriza-se por um trajeto que tem uma boa representação de feirantes. Possivelmente, a quantidade se justifica devido a dimensões das feiras e aproximação das cidades.

Trajeta 03: é formado por Cascavel e Pacajus. Mesmo sendo constituído apenas por duas feiras livres, esse trajeto mostra o trajeto com a maior mobilidade de feirantes, com maior número de trabalhadores que vivenciam as duas realidades. O grande número de feirantes que comercializam por esses mercados periódicos também explica o intenso movimento entre as duas feiras livres.

Trajeta 04: Trata-se de um circuito curto. As feiras de Cascavel e Horizonte acontecem no mesmo dia. A primeira aos sábados pela manhã e segunda à tarde. Os feirantes que são de outros municípios têm a vantagem, ao escolher esse roteiro, devido a proximidade das cidades e se realizar no mesmo dia.

Nesse sentido buscamos detectar os elementos que motivam as escolhas desses pontos comerciais pelos feirantes e ainda identificamos alguns recursos que eles utilizam para se deslocar de suas residências e chegar ao local de trabalho. Quanto as motivações das escolhas, averiguamos na pesquisa de campo que eles buscam feiras livres que seus produtos sejam aceitos por consumidores. Para os feirantes, a localização e as condições de acesso, a exemplo das vias, também são fatores determinantes para as escolhas das referidas feiras livres do recorte em destaque.

Na perspectiva da mobilidade espacial, segundo Kaufmann (2004) o acesso corresponde às condições materiais disponíveis que os sujeitos aproveitam para se deslocar. No caso dos feirantes, esse aspecto está relacionado às condições materiais que eles têm para se deslocar e comercializar.



As rodovias, os meios de transportes são exemplos de equipamentos que facilitam o acesso desses trabalhadores aos locais de comercialização. Eles aproveitam as potencialidades dos equipamentos que o Estado do Ceará e principalmente a RMF dispõe quanto aos equipamentos que promovem a circulação e a comunicação de bens e pessoas. As estradas, os cabos de fibra óticas, e outros fixos implantados nos territórios que permitem a velocidade dos diversos fluxos. Por isso, Santos (2002) afirma que os fixos e fluxos se complementam, interagem e expressam a realidade geográfica.

O sistema viário, os transportes públicos são ações promovidas pelo estado para implementar diretamente as atividades econômicas que interagem com o sistema global, mas que estão disponíveis todos os feirantes. Entretanto, os meios de transportes, quantidade dos investimentos de capital nos negócios são exemplos de condições que dependem de cada um deles. Os feirantes que foram entrevistados utilizam transporte próprio ou fazem fretes. O sistema viário e os meios de transportes são dois elementos que avaliamos para entendermos as dimensões espaciais e temporais em envolvem a mobilidade.

Nos dias atuais, a circulação dos feirantes com suas mercadorias é facilitada pelo acesso de transportes modernos e mais velozes, conseqüentemente diminuem o tempo de deslocamento entre os lugares. Entretanto, nos períodos históricos anteriores, quando os equipamentos de circulação e comunicação ainda não possuía tecnologias mais avançadas, os deslocamentos dos feirantes eram limitados. Neste período, a maioria dos comerciantes de feiras livres eram os pequenos produtores que viviam nas localidades mais próximas onde elas aconteciam e uma pequena demanda de vendedores de lugares mais distantes. Assim como o perfil de consumo dessas formas comerciais era bem próximo a realidade produtiva dos lugares.

A realidade das condições que promovem a mobilidade na contemporaneidade é bem diferente desse contexto. Com o aumento da produção, conseqüentemente a circulação dos produtos modificou a organização comercial e intensificou o consumo. Nesse mesmo sentido que Raffestin (1993) argumenta que o aumento do consumo promove a expansão da produção, da circulação e do comércio com proveito do maior desenvolvimento das técnicas de comunicação e circulação (RAFFESTIN, 1993).

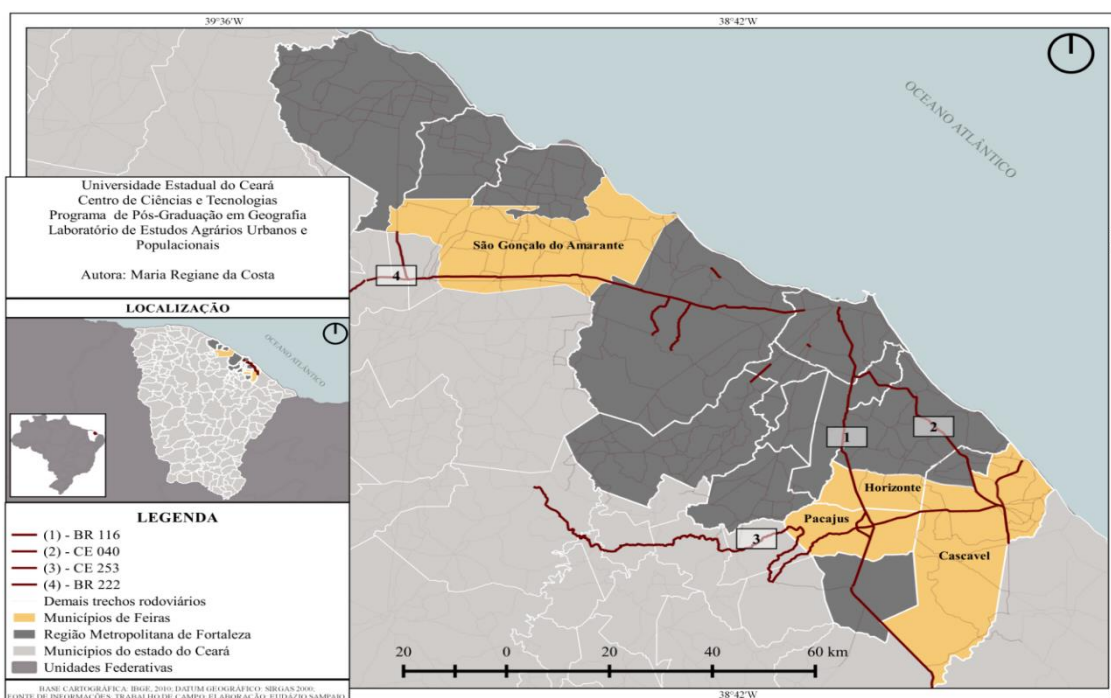
As rodovias também são importantes elementos estruturantes que interligam as cidades que os feirantes trabalham. O estado do Ceará, nas últimas décadas apresenta



melhorias das vias circulantes com a duplicação de trechos. A RMF ainda apresenta quatro corredores de expansão de integração metropolitana e o sistema viário foi foco de investimentos para melhorias. A melhoria da infraestrutura é implantada, pelo Estado, em função de toda a teia de equipamentos que se instalam no território como forças que reproduzem o capital nos setores de produção moderna.

Entretanto, as reformas e ampliação das rodovias contribuíram com a velocidade do deslocamento dos feirantes com suas mercadorias. O cartograma 1 estão indicados os eixos com os números 1, 2, 3 e 4 que integram os municípios que diretamente recebem trabalhadores e consumidores das feiras livres.

Cartograma 1: Os principais eixos viários da RMF.



De acordo com a figura:

1. A BR-116 liga a capital aos municípios de Itaitinga, Eusébio, Pacajus, Horizonte e Chorozinho.
2. A CE-040, na porção leste da metrópole, liga a capital aos municípios de Aquiraz, Eusébio, Pindoretama e Cascavel. Este setor destaca-se pelos investimentos ligados ao turismo litorâneo.
3. A CE-253, liga Cascavel a Pacajus. É um eixo curto, mas liga Cascavel a Pacajus.
4. A BR-222, liga Fortaleza a Caucaia e São Gonçalo do Amarante.



Outro elemento correlacionado ao transporte que distingue o nível de mobilidade desses trabalhadores é o tempo gasto no deslocamento de casa para a feira. Em geral, os trabalhadores avaliam o tempo gasto em seus deslocamentos e decidem sobre a localização da residência e do trabalho. Ainda podemos avaliar a distância e o tempo gasto por uma pessoa quando o ponto de partida a localização da feira e passam pelas principais vias de acesso que ligam as cidades onde localizam as feiras livres.

Para fazer esse Trajeto 1, o feirante pode optar em sair de São Gonçalo do Amarante pela CE-350, depois seguir pela CE-040 para chegar em Cascavel. Continuar à Pacajus pela CE-253 e por fim, partir para Horizonte pela BR-116. Para realizar esse percurso necessita percorrer 152 Km e o tempo 2h 32 min, se trajeto for realizado de veículo motorizado. O trajeto 2 praticamente tem com opção sair de Cascavel pela CE-253, chegar em Pacajus e seguir para Horizonte pela BR-116. São 50,5 Km de distância percorrida em 52 min. O Trajeto 3 liga as cidades de Cascavel e Pacajus pela CE-253. Apenas 28min são necessários para percorrer 26,2 Km. O Trajeto 04 soma uma distância de 40,1Km que é feito em 36 min. Saindo de Cascavel pela CE-253. Encontra a BR-116 e percorre mais 11km até chegar em Horizonte.

Salientamos que a apresentação dos trajetos desses trabalhadores foi importante no sentido de entender que as práticas dos sujeitos se configuram enquanto forma. Mas a mobilidade deve ser interpretada além do ato de ir e vir ao algum lugar. Assim, ainda buscamos entender as vivências, as motivações e os acontecimentos dos feirantes no sentido das trajetórias de vida e trabalho. As trajetórias (representadas a partir das linhas de tempo) nos permitiu elucidar os caminhos percorridos, as múltiplas mudanças de emprego, as situações de desemprego, os riscos, as estratégias para superar os obstáculos de ser e estar feirante.

Portanto, os fluxos gerados a partir do movimento dos feirantes permitem entender que as feiras livres representam a fluidez do espaço. O deslocamento dos feirantes de confecção promove um alargamento das escalas e se verifica a concentração de fluxos diversificados desde a escala nacional, passando pela regional até a local. As interações são predominantes, visto que a maior parte dos fluxos se originam na e para RMF. Enfim, o movimento das mercadorias e dos feirantes criam outras conexões mais amplas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que com a leitura sobre a temática das feiras livres, conseguimos apontar elementos sobre o que elas representam para as cidades e a população. Ao mesmo tempo também que a partir dos elementos analisados ampliem os debates que fundamentam esse objeto geográfico.

Desse modo, as feiras livres periódicas de Cascavel, Horizonte, Pacajus e São Gonçalo do Amarante possuem características do atual perfil de consumo da sociedade contemporânea. Acreditamos que os modos de vida da sociedade atual, associada ao destaque produtivo têxtil cearense modificaram o conteúdo das feiras em questão. Por isso, uma das propostas da pesquisa que ainda estamos desenvolvendo é a de analisar a inserção de produtos de confecção (vestuários, cama, mesa e banho) e acessórios nessa forma de comércio. Com isso responderemos o porquê da maioria dos feirantes comercializarem esses artigos.

Portanto, materialmente, a circularidade dos feirantes existe quando as feiras livres possuem capacidades de atraí-los, da mesma maneira que também impulsionam a procura de consumidores. De modo geral, entender a mobilidade dos feirantes permite apreender as lutas, as práticas, as esperanças as superações destes trabalhadores. Portanto, a mobilidade desses comerciantes e suas mercadorias ressignificam os espaços das feiras livres, conectam os lugares e acima de tudo correlacionam espaço e tempo.

REFERÊNCIAS

ASCHER, F. **Metápolis**: acerca do futuro da cidade [Tradução de Álvaro Domingues]. Oeiras: Celta Editora, 1998.

BERNARDINO, Virgílio Manoel Pereira. **A mobilidade da força de trabalho e do consumo nas feiras de Maringá-PR (Brasil) e de Leiria (Portugal)**: a resistência do setor no contexto do capitalismo global. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de Maringá, Maringá (PR), 2015.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Os Sonhos da migração**: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado - SP. 2003. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



CORRÊA, Roberto Lobato. Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Revista Cidade**, v. 2, 2002.

COSTA, Maria Regiane. **A dinâmica socioespacial da feira livre de São Bento em Cascavel/CE**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

DIAS, Chistina Leila. Os sentidos da rede: notas para discussão. *In*: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Leandro Lima da. (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2005, p. 11-28.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KAUFMANN, Vincent. Motility: Mobility as Capital. **International journal of Urban and Regional Research**, v. 28, n. 4, p. 745-756, Dec. 2004.

LENCIONE, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

LÉVY, Jacques. **Os novos espaços da mobilidade**. [Tradução de Rogério Haesbaert e Sylvain Souchaud]. Paris: Presses Universitaires de France. 2000.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. Alves. **Industrialização e reestruturação do espaço metropolitano**: reflexões sobre o caso de Horizonte-Pacajus/Ce. Fortaleza: EDUECE, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2009.

SCHMOLL, Camille. Une place marchande cosmopolite. Dynamiques migratoires et circulations commerciales à Naples. **Sciences de l'Homme et Société**. Université de Nanterre - Paris X, 2010.

SILVA, José Borzacchiello da. A região metropolitana de Fortaleza. *In*: José Bozacchiello da; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2005. p. 51-100.

TARRIUS, Alain. Leer, Describir, Interpretar – “Las circulaciones migratorias: conveniencia de la noción de “Territorio Circulatorio - Los nuevos Hábitos de La Identidad. *In*: **Relaciones**: Estudios de historia y sociedad, v. XXI, n. 83, verano, El Colegio de Michoacán, A.C, México, 2000.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge, UK: Polity Press, 2007.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano**. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília,



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

Fortaleza e Belém. 2011, 303f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.